

## **POR UMA GENEALOGIA DO AFROFUTURISMO**

### **A GENEALOGY OF AFROFUTURISM**

## **POR UNA GENEALOGÍA DEL AFROFUTURISMO**

#### **Jéssica Cristina do Nascimento Dias**

Graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-brasileiros pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) - [jessicadias0192@gmail.com](mailto:jessicadias0192@gmail.com)

#### **Márcio dos Santos Rodrigues**

Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará (UFPA) e pesquisador vinculado ao Núcleo Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros (Niesafro) da UFMA – [marcio.strodrigues@gmail.com](mailto:marcio.strodrigues@gmail.com)

#### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo estabelecer uma genealogia do Afrofuturismo, compreendendo de que forma o movimento estético-artístico contribuiu para o enfrentamento contra a marginalização e opressão impostas por grupos dominantes, bem como através de ficção especulativa constrói pretensões futuras para a humanidade. O artigo busca demonstrar como o gênero de ficção que se utiliza da figura do negro ou do continente africano em narrativas futuristas contribui para a formação de identidades. Busca-se identificar quais são as características legitimadoras para se conceber uma obra artística como Afrofuturista.

#### **Abstract**

This work aims to establish a genealogy of Afrofuturism, understanding how the aesthetic-artistic movement contributed to the confrontation against the marginalization and oppression imposed by dominant groups, as well as through speculative fiction builds future claims for humanity. The article seeks to demonstrate how the fiction genre that uses the figure of the black or the African continent in futuristic narratives contributes to the formation of identities. It seeks to identify what are the legitimating characteristics to conceive an artistic work as Afrofuturist.

#### **Resumen**

Este trabajo pretende establecer una genealogía del afrofuturismo, entendiendo cómo el movimiento estético-artístico contribuyó a la confrontación contra la marginación y la opresión impuesta por los grupos dominantes, así como a través de la ficción especulativa construye pretensiones de futuro para la humanidad. El artículo trata de demostrar cómo el género de ficción que utiliza la figura del negro o el continente africano en las narraciones futuristas contribuye a la formación de identidades. Se trata de identificar cuáles son las características legitimadoras para concebir una obra artística como afrofuturista.

### **Introdução**

Sob o rótulo de Afrofuturismo estariam enquadrados uma série de manifestações estéticas que personificam ou presentificam pessoas negras com roupagens futuristas, diferentes daquelas que em nosso contexto estamos habituados. Tais figurações do corpo negro podem ser expressas pelo som ou pela visualidade e estariam relacionadas a uma certa

identidade tida como ancestral negra, pensadas no lugar de África ou do negro antes do período de colonização. Estas manifestações com as quais nos defrontaremos neste artigo concedem visibilidade ao negro nos mais diferentes aspectos. Este artigo possui então, pelo menos, um objetivo principal, de cunho teórico e de caráter empírico, que é o de compreender de que forma o Afrofuturismo contribui para o enfrentamento contra a marginalização e opressão impostas por grupos dominantes, durante o percurso histórico e, em pretensões futuras da humanidade.

Entre os objetivos específicos deste texto estão: (1) Verificar a relação entre o movimento afrofuturista e as diversas formas de resistência negra, diante do racismo no mundo, percebendo igualdades e diferenças de ações; (2) Demonstrar como o gênero de ficção-científica utiliza a figura do negro ou do continente africano em suas narrativas; (3) Identificar quais são as características legitimadoras para se conceber uma obra artística como afrofuturista, e (4) entender de que forma abordagens artísticas, produzidas e criadas no seio de sociedades imperialistas, são apropriadas pelo povo negro para contestar estereótipos e clichês a ele atribuídos.

No entanto, apesar do Afrofuturismo ser entendido como um movimento onde o protagonismo negro é o foco principal precisamos ficar atentos às seguintes questões: A primeira consiste em problematizar em que medida a figura do negro nesse movimento difere ou não da representação do negro em criações *mainstream sci-fi* - sejam elas de cunho literário, musical ou imagético. A outra questão diz respeito ao entendimento sobre a diferença mais expressiva que leva o Afrofuturismo a se reivindicar como movimento estético em prol da causa negra. Deste modo, surge uma pergunta: O Afrofuturismo se preocupa exclusivamente com o devir? Outra questão é: Quem são os criadores de obras afrofuturistas? São negros? Brancos? Ambos? No que isso interfere? Quais as diferenças de resultados? E ainda: O que é determinante para se chamar uma obra artística de Afrofuturista?

### **Afrofuturismo:** algumas definições

Afrofuturismo é um termo cunhado, na década de 1990, por um crítico cultural norte-americano chamado Mark Dery. O crítico forjou o termo para classificar um movimento estético de resistência, que, conforme identificada, se preocupava, sobretudo, com a necessidade de pensar um futuro em que o protagonismo negro se tornasse presente na

sociedade. No entanto, apesar do termo Afrofuturismo ter sido sugerido somente ao final do século XX no ensaio *Black to the future*<sup>1</sup>, elementos que poderiam ser considerados como afrofuturísticos já eram utilizados desde meados do século XIX.

A peculiaridade do Afrofuturismo, em formato imagético, se trata do próprio uso de imagens. Dentre as várias facetas do Afrofuturismo, o cinema afrofuturista se configurou como uma necessidade de produzir visibilidade, uma visibilidade ao corpo negro no futuro (todavia, não só no futuro). É pensado no contexto em que produções fílmicas ou até mesmo quadrinísticas ainda utilizam a figura de África e da sua diáspora de forma eurocêntrica/etnocêntrica e ilusória em criações de todo gênero, inclusive no universo *sci-fi*<sup>2</sup>. Produções europeias e estadunidenses em forma de quadrinhos e filmes, e conseqüentemente as do gênero de ficção científica ambientadas em África ou que de alguma forma utilizavam o corpo negro foram instrumentalizadas por várias vezes para ratificar estereótipos, consolidar os pensamentos e ideais imperialistas. Fazia-se referências ao negro comparando-o a seres selvagens. Utilizava-se também de comparações entre África e Europa, mostrando um continente pobre e sofrido. Esta visão, por sua vez, é fruto do colonialismo e da sua necessidade de justificar o tráfico transatlântico.

Décadas após a Conferência de Berlim e a consolidação da partilha do continente africano pelas nações imperialistas europeias, que trouxeram consigo tempos de muito sofrimento para o continente, surge um cinema genuinamente africano, produzido por meios próprios. Esse cinema de África e de muitas Áfricas se emerge como um caminho possível de construção de uma identidade africana e sua diáspora. O processo de independências em África e a efervescência das lutas pelos direitos civis nos Estados Unidos influenciariam fortemente as obras fílmicas. Cineastas em muitas partes do globo passaram a utilizar o cinema como ferramenta na busca pela identidade africana e negras. Nesse processo, surgem cineastas interessados em apresentar as particularidades afrofuturísticas.

O Afrofuturismo desde seu início destacou a preocupação com o protagonismo negro e as relações raciais e continentais no futuro da humanidade. Isso era tratado utilizando-se de muitas metáforas com embalagens de ficção científica. Ou se falava de desastres naturais em

<sup>1</sup> DERY, Mark. *Black to the Future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose*. 1995. Disponível em < <https://www.uvic.ca/victoria-colloquium/assets/docs/Black%20to%20the%20Future.pdf>>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

<sup>2</sup> Abreviação para *Science Fiction* – Ficção Científica, em português.

que restavam poucas pessoas no planeta, em que não havia espaço para racismo e separações, como abordado por W.E.B. Du Bois em *The Comet* (1920), ou falava-se de um futuro utópico no qual há espaço para pessoas negras dentro de um país onde a polarização racial impera, como feito por Griggs em *Imperium in Imperio* (1899). Ou ainda, tratando da colonização dos considerados “humanos” por seres que não faziam parte (ou se sentiam deslocados) daquele lugar como em *Bloodchild* (1984) de Octavia Butler.

A relevância da discussão em torno do Afrofuturismo, para o nosso país, se faz pela própria presença desse movimento estético e político nas criações artísticas no Brasil. Atualmente, no cenário musical brasileiro, temos alguns grupos e cantores que utilizam elementos afrofuturistas em suas criações. Entre eles estão: Ellen Oléria, Tássia Reis, Rico Dalassam, Karol Conká, IZA e os grupos Senzala Hi-Tech, Baiana Systems e Alienação Afrofuturista.

A cantora e atriz formada pela Universidade de Brasília (UnB) Ellen Oléria, por exemplo, tem “*Afrofuturismo*”, como título do seu álbum, lançado em 2016. Antes desse trabalho, a cantora Ellen Gomes de Oléria, nascida no Distrito Federal, em 1982, desenvolveu outros trabalhos, como “*Peça*”, seu primeiro CD, lançado em 2009. A posteriori, em 2012, gravou o DVD “*Ellen Oléria e Pret.utu – Ao Vivo no Garagem*”. A cantora também trabalhou com figuras ilustres da cena musical negra do Brasil, como Hamilton de Holanda, Emicida, GOG e Gérson King Combo.

Os primeiros trabalhos de Oléria colocavam em evidência as demandas do povo negro em torno da reafirmação de sua identidade e questões de marginalização. É típico, nesse período nas canções da cantora, destaque aos discursos como: “Minha ginga, meu jeito, minha voz que vem do gueto. Minha raça, minha cara, tua cara à tapa. O meu cabelo crespo não ponho na chapa. Aguenta minha marra. Teu cartão não me paga. Minha ancestralidade no peito eu não tô te vendendo.” (Testando - Ellen Oléria)

No CD *Afrofuturismo* (2016) adiciona-se também a questão do futuro negro em suas canções. A primeira música do álbum, “Afrofuturo”, traz um resumo do que vai ser toda obra. “Sangria, afrofuturo e ambivalência.” (Afrofuturo - Ellen Oléria) Mais um exemplo da presença do Afrofuturismo no Brasil se trata da sua influência na moda. Elementos afrofuturistas podem ser percebidos na utilização de roupas metalizadas, cabelos descoloridos (ou com cores diversas) e estética futurista utilizados por pessoas negras. No Brasil, vários artistas

negros (e até brancos) se apropriaram da moda afrofuturista, apelidada como “Geração Tombamento”, as cantoras Karol Conká e Tássia Reis são exemplos de utilização desse estilo.

Em 15 de fevereiro de 2018, tivemos no Brasil o lançamento do que seria o “abre alas” do Afrofuturismo *mainstream*<sup>3</sup> em âmbito nacional com a produção dos estúdios Marvel/Disney *Black Panther* (Pantera Negra). Devido à necessidade de reivindicação do espaço e da importância do negro (ou África) no passado, presente e futuro da humanidade, que podem ser percebidos através das produções fílmicas, este trabalho se justifica através da compreensão e análise do Afrofuturismo em sua faceta cinematográfica, compreendendo-o como uma abordagem estética de resistência a marginalização e opressão.

A vantagem deste trabalho é de conhecer mais uma das várias formas histórico-culturais que grupos subalternos, como o povo negro, encontram/criam para resistir e contestar a subalternização imposta por grupos dominantes durante o percurso histórico e em suas aspirações futuras. Tal conhecimento não tem relevância somente no contexto acadêmico, ainda que já fosse de extrema importância alargar pesquisas brasileiras referentes a este tema, a pesquisa tem relevância histórica e social. Uma vez que, o Afrofuturismo pode ser entendido como reflexo às transições culturais no processo de escravidão.

### “A rota da nave afrofuturista”: uma genealogia

Ainda que o termo Afrofuturismo tenha sido concedido em 1994<sup>4</sup> pelo teórico cultural norte-americano Mark Dery, em sua obra intitulada *Flame Wars: The Discourse of Cyberculture*<sup>5</sup> - mais especificamente no ensaio *Black to the Future (Negro para o futuro, em português)*- há um consenso entre os vários teóricos afrofuturistas em afirmar que esse momento não faz parte do marco inicial do movimento. Isso porque, antes mesmo da utilização do termo, conceitos afrofuturísticos - assim como suas ideias – já eram aplicados em criações artísticas e teóricas da cultura negra.

<sup>3</sup> O termo *Mainstream* é aplicado a uma tendência ou moda mais conhecida, de utilização mais popular, a corrente dominante. Diferente da *Underground*, por exemplo, que enfatizam produções menos comerciais, mais independentes e, de modo geral, mais subversivas.

<sup>4</sup> Não há consonância no que se refere o ano de estabelecimento do termo. Os pesquisadores passeiam entre 1992 a 1994.

<sup>5</sup> Algo como *Chama das guerras: O Discurso da Cibercultura*, em português.



A expressão surgiu para nomear um volume considerável de estudos e experiências que estavam sendo desenvolvidas por intelectuais e artistas negros - entusiastas do gênero *sci-fi* - que discutiram a ideia de reformulação social através da arte. Tais experimentações se fundamentavam na discussão de como elementos tecnológicos influenciavam do ponto de vista histórico-social a vida de pessoas negras e ainda, como essas tecnologias e suas narrativas “[...] foram usadas para afirmar divisões raciais ou então para superá-las.” (WOMACK, 2013, p.37)

Primeiramente ideias que podem ser consideradas afrofuturistas aparecem em uma faceta literária. Nesta, destaca-se a figura em destaque é Martin Delany<sup>6</sup> com sua obra *Blake, or the Huts of America* (*Blake, ou as cabanas da América*) (1859, 1861–1862), que apesar de não ser uma ficção-científica<sup>7</sup>, utiliza-se de ficção para falar de relações raciais e escravidão nos EUA do século XIX.

*Blake, or the Huts of America* é um dos escritos ficcionais mais ilustres do século XIX no que se refere obras produzidas nos Estados Unidos. O livro narra a história de Henry Blake, um escravizado que foge de uma plantação localizada no sul dos Estados Unidos, que ao fugir passa por vários lugares como Canadá e a própria África, carregando consigo o desejo de irmanar o povo negro submetido a escravidão para lutar em prol de sua liberdade.

Outra figura que podemos destacar desta primeira fase do Afrofuturismo é Sutton E. Griggs<sup>8</sup>. O escritor e ativista desenvolveu o livro *Imperium in Imperio* (1899), uma narrativa utópica acerca de um Estado afro-americano no interior do EUA, mas desprendido deste, ou seja, um império dentro de outro país. Segundo Lisa Yaszek (2013), pesquisadora de literatura, mídia e comunicação, *Imperium in Imperio* já esboçariam argumento em que afro-americanos confrontam a opressão branca em uma batalha futurística.

A utilização do conceito de Afrofuturismo, tal como conhecemos hoje, tem seu alvorecer no início do século XX, nos quais um dos seus pioneiros, conforme Yaszek (2006),

<sup>6</sup> Abolicionista negro, que viveu de 1812 a 1885, de pai escravo e mãe livre, nascido em Virginia, nos Estados Unidos, Martin Robison Delany, além de ter sido o primeiro afro-americano oficial de campo do exército estadunidense, foi um dos pioneiros no que se refere aos discursos de retorno ao continente africano.

<sup>7</sup> O termo ficção-científica (ou *Science Fiction*, no inglês) carrega consigo muitos conflitos e debates acerca do seu conceito. Pretendo alargar a análise de conceitos no trabalho final. No entanto, aqui podemos utilizar o conceito de um dos mais respeitados estudiosos e produtores de narrativas de ficção-científica. Sobre *Science Fiction*, Isaac Asimov diz que: “A ficção científica é o ramo da literatura [ou da arte] que trata das respostas do homem às mudanças ocorridas ao nível da ciência e tecnologia.” (ASIMOV, 1984, p.20).

<sup>8</sup> Romancista negro estadunidense, Sutton Elbert Griggs, viveu de 1872 a 1933. Defensor das demandas negras, Griggs publicou cerca de 33 livros. Um dos seus livros publicados é *Imperium in Imperio* (1899).

seria W.E.B. Du Bois. William Edward Burghardt Du Bois é um dos mais importantes apologistas da identidade negra nos Estados Unidos. Nascido em 1898, no Estado de Massachusetts, teve como ascendentes franceses huguenotes e africanos. Precursor em 1909 da *National Association for the Advancement of Colored People* (Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor) (NAACP), Du Bois ganhou notoriedade como principal representante do Movimento do Niagara. É conhecido também como um dos norteadores do pensamento Pan-Africanista. Além disso, foi o primeiro homem negro a adquirir um doutorado em filosofia na Universidade de Havard. Autor de grandes obras que transitam entre a História e Sociologia, Du Bois utilizava também em seus escritos a linguagem poética, bem como narrativas ficcionais para abordar temas como identidade e críticas ao racismo.

Entre suas obras mais conceituadas estão: *The Souls of Black Folk* (*As Almas de Gente Negra*), coleção de artigos publicados em 1903, e *Black Reconstruction in America* (*Reconstrução Negra na América*), que teve seu lançamento em 1935. Além dessas obras vastamente conhecidas, W.E.B. Du Bois escreveu também a obra *Darkwater: Voices from Within the Veil* (*Água escura: Vozes de dentro do véu*). Sexto livro do autor, publicado em 1920, *Darkwater* reunia ensaios e contos de ficção que pensavam questões de raça, classe e gênero. Nessa obra há uma história importantíssima para este trabalho: “*The Comet*” (*O Cometa*). O texto é uma ficção científica que problematiza os conflitos raciais em um mundo pós-apocalíptico. De acordo com Yaszek (2006), Du Bois sugere que necessitaria de um desastre natural para que o racismo em toda a América seja extinto e haja futuro para a diáspora negra nos EUA.

A partir dos anos 1960 até a atualidade, principalmente nos EUA, onde tendências afrofuturísticas se consolidaram, temos uma absorção da estética Afrofuturista por criações de ficções científicas mais populares. Aqui, na esfera literária podemos citar Octavia Butler com seu conto publicado em 1984 na revista *Asimov's Magazine* intitulado de *Bloodchild* (*Filho de sangue*, em português) que recebeu inclusive o prêmio Hugo<sup>9</sup>. Sucintamente, a história gira em torno de um planeta futurístico onde os humanos que lá vivem tem seu lugar colonizado por alienígenas. Sobre esse período, Womack (2013), argumenta que:

---

<sup>9</sup> Um dos prêmios mais destacados no que diz respeito à literatura de ficção científica. O Prêmio Hugo é concedido, anualmente, para o vencedor da categoria de Melhor Romance de fantasia ou ficção científica que publicou em inglês no ano antecessor.

---

As raízes da estética começam décadas antes, mas, com a emergência do Afrofuturismo como um estudo filosófico, subitamente artistas, como a lenda do jazz de vanguarda **Sun Ra**, o pioneiro do funk George Clinton e a autora de ficção científica Octavia Butler, foram redescobertos e revalorizados como agentes promotores de mudança social pelos afrofuturistas. (WOMACK, 2013, p.37)

### “Um problema de percurso”: questões no afrofuturismo

Na segunda metade do século XX, depois dos anos 1960, mais precisamente, os objetivos do movimento afrofuturista ainda não eram muito bem recebidos pelos vários ativistas e teóricos da luta pela história não contada da diáspora africana. Havia, sim, discursos contrários a essa forma de pensar o corpo negro e de se pensar no futuro.

Derrubado por um golpe de Estado, no início do ano de 1966, Kwame Nkrumah, havia ambicionado um projeto, os “Estados Unidos de África” (EUAF) - além de, galgar por um *layout* moderno para Gana. No entanto, as aspirações de Nkrumah, ou pelo menos a viabilidade dos seus projetos, foram interrompidas quando este foi desposto. Isto, de acordo com Eshun (2013), causara desconforto, insatisfação e sentimentos fortes de vingança, caros demais para prosseguir com as utopias esboçadas por um socialismo africano. O pensamento de um futuro canalizara-se para o presente, resultando assim, em um desânimo e descrença no porvir. Isto teria refletido nas produções de ativistas culturais da diáspora, nos quais, sucessivamente pararam de pensar e compor projetos que se referia ao amanhã. Quanto a isso, Eshun (2013) coloca que:

Uma vez que a prática da contra-memória se definiu como um compromisso ético com a história, com os mortos e com os esquecidos, a produção de ferramentas conceituais que pudessem analisar e construir contra-futuros foi entendida como um abandono antiético do dever. A análise futurológica foi recebida com suspeita, cautela e hostilidade. Tais atitudes dominaram a academia na década de 1980. Para artistas africanos, havia boas razões para o desencanto com o futurismo. (ESHUN, 2013, p.45).

Eshun (2013) aduz que Walter Benjamin e Frantz Fanon, prevendo o que poderia ocorrer, contestaram a apropriação do arquivo histórico pelos objetivos imperiais, em negros não faziam parte da humanidade. Nesse sentido, não se trata de um movimento de negação a luta de contra-memória.

Antes disso, ele procura ampliar aquela tradição, reorientando os vetores interculturais da temporalidade do *Atlântico Negro* em direção ao proleptico, assim como ao retrospectivo. É claro que o poder, agora, opera tanto preditiva quanto retrospectivamente (ESHUN, 2013, p.46).



O movimento afrofuturista é um recurso, uma ferramenta utilizada por artistas de várias linguagens para ilustrar os desejos e possibilidades acerca do futuro; recursos este que é utilizado quando qualquer possibilidade de um futuro para o negro e para África é indeterminado ou distópico.

Essas questões contra os elementos afrofuturistas são apaziguadas entre o fim do movimento Black Power e a configuração do pensamento pan-africanista. Aqui, o protagonismo negro era o objeto principal do pensamento em prol da igualdade racial, e, ainda, a união entre pessoas negras era mais importante que qualquer pensamento que levassem a desunião e por consequência, na não efetivação dos projetos do Pan-Africanismo. Sobre isso Eshun (2013) destaca que:

Entre o fim do Black Power no final da década de 1960 e a emergência de um Pan-Africanismo popular em meados dos anos 1970, com **Bob Marley**, a imaginação musical afrodiaspórica foi caracterizada por uma afrofilia que invocava, ao mesmo tempo, um idílio liberacionista de arcaísmos africanos e a ideia de uma modernidade científica africana, ambos assumidos em um equilíbrio instável, porém útil. (ESHUN, 2013, p.52).

A propósito, para alguns pesquisadores, mesmo com algumas questões não muito bem compreendidas acerca do Afrofuturismo, este período foi o momento em que o movimento se assentou. Na tese *Ações artísticas contra formas de sujeição: deslocamentos entre imagem, escrita e performance* (2016), de Ana Luiza Ferreira Hupe, doutora em Linguagens Visuais pela UFRJ, a pesquisadora expõe que:

Apesar de experimentos afrofuturísticos terem aparecido com as histórias do escritor W.E.B. Dubois, há mais de um século, o movimento ganha força com a música, no período da luta contra a discriminação racial nos EUA, conhecido como Movimento dos Direitos Civis, entre 1954 e 1968. (HUPE, 2016, p. 203)

### “Há um negro em 3018”: questões conceituais do afrofuturismo

Nas primeiras linhas do artigo *Por dentro do Afrofuturismo: um guia sônico* (2013), Ashley Clark levanta a seguinte questão: Como descrever o termo “Africanfuturism”?

Na sua tentativa de resposta, o movimento se definiria de duas maneiras: uma como estética - ou seja, um movimento visivelmente presente - e como algo flexível, talvez por ser multifacetado, em várias roupagens. E também, seria uma forma organizada de criticar, através de várias representações e formas narrativas, a experiência negra marginalizada, construindo outras realidades possíveis.

---

Bem, aqui está uma breve tentativa: a palavra representa uma estética artística flexível e também uma estrutura para uma teoria crítica que aborda obras multimídia interessadas em tratar de experiências negras imaginadas e alternativas. (CLARK, 2013, p.62)

No que se refere ao conceito de Afrofuturismo, sempre estão presente palavras análogas à “interrupção” e “alternativo”, isto porque, para a grande parte dos teóricos afrofuturistas o movimento seria justamente uma deformidade da forma de ver/ prever o futuro ocidental, uma alternativa para a lógica futurística da humanidade que exclui o corpo negro do passado, presente e do futuro. Para Womack (2013), por exemplo, “[o] Afrofuturismo é uma interseção entre a imaginação, a tecnologia, o futuro e a liberação.” (WOMACK, 2013, p. 29) Por sinal, a “[...] interface homem-máquina se tornou a condição e o tema do Afrofuturismo.” (ESHUN, 2013, p.53).

Para alcançar esta percepção alternativa de futuro para os povos negros, o Afrofuturismo se utiliza de várias linguagens artísticas e literárias para expressar suas ideias. Todas estas linguagens empregam elementos de ficção científica e suas variações para contradizer o passado e o porvir ocidental. Sobre isso, Womack (2013) coloca:

Seja por meio da literatura, das artes visuais, da música ou da organização de base, os afrofuturistas redefinem a cultura e as noções de negritude hoje e amanhã. Tanto uma estética artística quanto uma estrutura para a teoria crítica, o Afrofuturismo combina elementos da ficção científica, da ficção histórica, da ficção especulativa, da fantasia, do afrocentrismo e do realismo mágico com crenças não ocidentais. (WOMACK, 2013, p. 30)

Assim, o Afrofuturismo prevê um tempo em que, além de personagens, pessoas negras tenham espaço cultural e social no futuro.

O Afrofuturismo, com frequência, é o guarda-chuva para um amálgama de narrativas, mas, em seu cerne, ele valoriza o poder da criatividade e da imaginação para revigorar a cultura e ultrapassar limitações sociais. A resiliência do espírito humano está em nossa capacidade de imaginar. A imaginação é uma ferramenta de resistência. Criar histórias com pessoas negras no futuro desafia a norma. Com o poder da tecnologia e liberdades emergentes, artistas negros têm mais controle sobre suas imagens do que nunca. Bem-vindo ao futuro. (WOMACK, 2013, p.43).

É preciso dizer que para alguns teóricos, o Afrofuturismo se apresenta como um movimento voltado ao Afrocentrismo, ainda que concordem com os vários estudiosos afrofuturistas acerca dos seus objetivos gerais. Assim como as ideias afrocêntricas, que aglutinam em torno de si uma representação de África produzida por e para africanos, o Afrofuturismo também se basearia no ideal de que os povos africanos, bem como sua diáspora, precisam se apropriar de suas agências e se colocar em protagonismo, além de

contestar seu espaço na sociedade; tudo isso na apetência de galgar sua integridade como negro e como humano.

Na pesquisa intitulada *Fashionable Addiction: The Impact of Digital Identity through the Cult of the Body (an African Perspective, with particular reference to the Democratic Republic of Congo, 2015)*,<sup>10</sup> desenvolvida por Maurício Mbikayi, na University Cape of Town, na África do Sul, ele diz que: “O Afrofuturismo, um ramo do Afrocentrismo, é uma ideologia que revisita o passado para (re) construir o futuro.” (MBIKAYI, 2015, p. 41, tradução livre)<sup>11</sup>

Em seu escrito Ana Hupe (2016) coloca o que seria o Afrofuturismo - e seus objetivos - fazendo uma sutil comparação com a história da negra Anastácia.

[...] como Anastácia, representante das escravas que eram castigadas por se recusarem a dormir com seus senhores. Foi forçada a usar um tapador na boca, a Máscara de Flandres, que permitia enxergar e respirar, mas não falar, como muitos escravos que trabalhavam nas plantações, obrigados a usar o tapador para não mascarem o caldo da cana, o café ou o cacau, castigo que também emudecia. O subterfúgio afrofuturístico elimina a máscara e usa, em seu lugar, a nave espacial como mídia para comportamentos subversivos, para desfazer a ligação inconsciente e imediata entre o negro e a escravidão. Pela dificuldade de expurgar resquícios de uma prática que orientou a economia mundial durante 354 anos, a invenção de estratégias fabulatórias aparece como maneira de contestar e sobrepor o arquivo colonial. (HUPE, 2016, p.201-202)

Para Eshun (2013), o motor do movimento afrofuturista se deu com a necessidade de reunir contra-memórias que respondessem combativamente às histórias ditas oficiais, impostas pelo imperialismo das nações ocidentais, nas quais a história e memória de África e de sua diáspora eram colocadas de lado ou excluídas. Conforme Eshun, as ações imperialistas que se ascendem com a aurora da modernidade ainda refletem amargamente na contemporaneidade. Assim, o Afrofuturismo prioriza o reconhecimento de África como pertencente às projeções futuristas, já que as mesmas são utilizadas reiteradamente para promover cenários globais, onde a lógica de mercado encontra-se em um ambiente cada vez mais seguro. De acordo com Eshun,

Disputas correntes sobre reparações indicam que esses traumas continuam a influenciar a era contemporânea. Nunca é uma questão de esquecer o que demorou tanto tempo para ser lembrado. Ao invés disso, a vigilância que é necessária para acusar a modernidade imperial precisa ser estendida para o campo do futuro. (ESHUN, 2013, p.45).

<sup>10</sup> *Vício na moda: o impacto da identidade digital através do culto do corpo (uma perspectiva africana, com referência particular à República Democrática do Congo)*. (em português, tradução livre).

<sup>11</sup> “Afrofuturism, a branch of Afrocentrism, is an ideology which revisits the past in order to (re)construct the future.”.

Criações afrofuturistas oportunizam projeções do amanhã. Projeções estas que se colocam cada vez mais caras ao povo negro, tão difíceis de serem imaginadas - por muito tempo desde o processo de escravidão europeia. Dito isto, o Afrofuturismo “[não] é (apenas) uma questão de representação, mas uma questão de experimentação. E, claro, uma questão política por excelência.” (CALENTI, 2015, p.12).

Permitir a África e sua diáspora um lugar no progresso tecnológico da humanidade também é propósito do movimento, desconstruindo a ideia de que pessoas negras e o avanço tecnológico seriam antagônicos. Além disso, o movimento daria voz ao povo negro em debates acerca da cibercultura, ficção-científica e ciência moderna. Nas palavras de Womack,

Em seu coração, o Afrofuturismo expande a imaginação muito além das convenções de nosso tempo e dos horizontes da expectativa, expulsando as ideias preconcebidas sobre negritude para fora do sistema solar. Seja por meio de histórias de ficção científica ou de uma excentricidade radical, o Afrofuturismo inverte a realidade. (2013, p.36).

O Afrofuturismo consente a experiência da alteridade, permitindo um se ver em um outro que é como você, que, ao mesmo tempo, merece ser percebido; além de fazer com que se perceba o espaço e o protagonismo que não foi permitido a África, nem ao negro, por muitos anos, desde os caminhos para o Novo Mundo. Ana Hupe (2016) coloca que:

O recurso afrofuturístico facilita-me colocar no lugar do outro, operar invertendo papéis; é uma manobra que traz a possibilidade de quebrar a referência identitária que é escravizante, permite perceber a cultura africana, marcadamente negra, com emoções, tecnologia, política e, principalmente, enxerga os africanos antes do período das navegações europeias. Às vezes, esquecemos que houve um tempo anterior às colonizações [...]. (HUPE, 2016, p. 202).

Apesar de o Afrofuturismo ter como sua abordagem inicial a literatura *sci-fi*, o movimento não se restringe a esta roupagem. O Afrofuturismo pode aparecer em outras facetas, da imagética à sonora. Assim, elementos de cunho afrofuturístico podem figurar na música, na moda, na fotografia, nas histórias em quadrinhos e também no cinema. O cinema, por exemplo, desde sua fase inicial, se transformou em um termômetro e objeto de estudos onde é possível perceber as altas temperaturas das imagens estereotipadas que se fazia do povo negro e de África. No entanto, mais tarde este mesmo recurso seria apropriado por vários cineastas negros para a pulverização de ideias relacionadas a igualdade racial. Womack (2013) reflete sobre isso dizendo que:

Uma piada antiga dizia que os negros dos filmes de ficção científica dos anos de 1950 a 1990, geralmente, tinham um final sombrio. O homem negro que salvava o dia na versão original de *A Noite dos Mortos-Vivos* era morto por policiais que gostavam de apertar o gatilho. O homem negro que aterrissava com Charlton Heston

no *Planeta dos Macacos* original logo foi capturado e posto em um museu. Um cientista negro, afoito em excesso, quase provoca o fim do mundo em *O Exterminador do Futuro 2*. Por vezes, o personagem negro nesses filmes aparecia como alguém silencioso e místico ou, talvez, como uma bruxa médica sinistra. De todo modo, era bastante claro que, nas representações artísticas do futuro da cultura pop, pessoas negras realmente não importavam. (WOMACK, 2013, p.28).

Apesar da “certa visibilidade” que o cinema norte-americano concedeu às pessoas negras em suas produções, principalmente após os anos 1980, com o movimento Blaxploitation<sup>12</sup>, e ainda outras obras do século XXI, como os filmes estrelados por Will Smith, por exemplo, “[...] uma cultura mais ampla de cabeças da ficção científica negra agora assumiu para si a tarefa de criar suas próprias visões da vida futura, por meio das artes e da teoria crítica. E suas criações não se parecem com nada que tenhamos visto antes.” (WOMACK, 2013, p.29).

No caso da literatura afrofuturista mais recente, os contos de Octavia Butler - que agora tem ganhado notoriedade como uma das mais aclamadas escritoras *sci-fi* das primeiras décadas do século XXI – têm sempre um ar de subversão; a autora refaz as ideias preconcebidas de humanidade da Renascença, as naturalizações culturais do Ocidente, construindo em uma narrativa que se desenrola sob a ótica de personagens negras em Terras pós-fim do mundo. Sobre um dos seus contos mais reconhecidos, *Bloodchild* (publicado em 1995), Calenti comenta:

Assim, o conto subverte posições naturalizadas em nossa sociedade ocidental moderna (é o garoto que engravida; na espécie Tlic, são as mulheres que se envolvem em política. São os alienígenas com aparência animal que utilizam os humanos por causa das suas funcionalidades), deslocando, assim, o foco do Homem (branco, heterossexual, ocidental etc.) e da narrativa do Herói tradicional, que resolve suas problemáticas na base da guerra, do fogo. (CALENTI, 2015, p.16-17).

O Afrofuturismo não tem se limitado ao uso de recursos artísticos e literários para a disseminação de suas ideias; outro espaço também muito explorado pelo movimento tem sido a rede mundial de computadores; muitos entusiastas afrofuturistas têm disponibilizado páginas eletrônicas para criações este movimento. Cada vez mais, a internet tem se tornado um meio por onde a comunicação ocorre de uma forma instantânea, o que permitiria a interação entre os afrofuturistas de todo o globo: “Uma cultura de artistas e fãs de ficção científica, amigos entre si, estava usando a arte e plataformas de mídia para explorar a

<sup>12</sup> O Blaxploitation é um cinema que responde ao seu tempo, o da década de 1970, onde emergem narrativas em torno da negritude nos Estados Unidos. Trata-se de um gênero composto de filmes que tiram os negros dos papéis coadjuvantes serviçais e constroem a figura do herói protagonista negro.



humanidade e experiências de povos na diáspora africana em obras futuristas.” (WOMACK, 2013, p.41). Além disso, Womack explica:

A internet continua a ser o principal ponto de encontro para afrofuturistas. Em 2008, Jarvis Sheffield criou o site Black Science Fiction. com um espaço para artistas, escritores, cineastas e animadores *sci-fi*. Motivado pela eleição de Barack Obama, Sheffield, um fã de quadrinhos e pai, queria criar um site com imagens variadas para seu filho. O site foi lançado com 10 perfis. Em 2012, tinha 2.016. “Sou viciado no site. Toda semana alguém posta algo novo”, diz Sheffield. Ele reuniu obras de escritores que tinham publicado no site e lançou *Genesis: Na Anthology of Black Science Fiction*, em dois volumes. Hoje, o site é um grande portal para criadores de ficção científica. (WOMACK, 2013, p.39).

Outro ambiente no qual o Afrofuturismo vem assentando espaço são nas universidades, tanto academias afro-americanas, quanto africanas. Womack (2013) coloca como o movimento afrofuturista vem sendo, atualmente, tema de pesquisa e cursos nas universidades dos Estados Unidos, por exemplo. Isso emergiria, com mais força, após a eleição do primeiro presidente negro dos Estados Unidos, Barack Obama. Oportunamente, Womack ainda argumenta que:

Há um grupo crescente de professores, os quais têm muito em comum com os famosos professores de hip-hop que apareceram há uma década, que estão dedicados ao estudo de obras que analisam as dinâmicas entre raça e cultura específicas às experiências de pessoas negras por meio de obras de ficção científica e de fantasia. Eles usam essas obras como uma plataforma para discutir questões relacionadas à humanidade – incluindo a guerra, o apartheid e genocídios –, enquanto exploram também questões de classe, espiritualidade, filosofia e história. Outros reconsideram o uso da tecnologia, suas aplicações na sociedade e seu papel na criação de arte como um processo. Outros, ainda, olham para essas análises como metodologias para liberar as pessoas de bloqueios mentais e limitações sociais. Mas cada um deles, do artista ao professor ao fã, prioriza a revisualização de pessoas negras em um futuro compartilhado harmônico, livre de questões de poder baseadas em raça. No mínimo dos mínimos, eles criam um futuro com pessoas não brancas integralmente envolvidas – algo que contraria o fracasso relativo da cultura pop em fazer o mesmo. (WOMACK, 2013, p.43).

Do outro lado do Atlântico, na University Cape of Town, na África do Sul, se procurarmos na biblioteca eletrônica da universidade pelo termo “*Afrofuturism*” é possível encontrar um número considerável de obras – livros, artigos, ensaios – que abordam o tema como central para suas pesquisas.

O próprio nome Afrofuturismo concentrava-se, sobretudo, em círculos acadêmicos e artísticos, especificamente naqueles círculos que participavam da discussão. Mesmo hoje, muitas pessoas criando obras afrofuturistas são neófitas ao termo. Mas as ideias de criar obras de ficção científica e explorar a participação de negros no futuro se espalham como um fogo indomável.” (WOMACK, 2013, p. 39)

Um ponto reiteradamente questionado pelos estudiosos do Afrofuturismo se concentra na contradição da visibilidade ínfima concedida ao corpo negro em obras de ficção científica. Assim como indagações: “Mas o que a ficção científica tem a ver com pessoas negras?”.

(WOMACK, 2013, p.32). Contradição esta que, refere-se à expressiva proximidade entre as questões alienígenas e robóticas ao trauma da escravidão negra. Explico melhor, a metáfora do extraterrestre, por exemplo, que chega a um planeta desconhecido, onde não consegue se comunicar com os seres humanos que encontra, longe do seu lar e de tudo que lhe pertence; assim como, a metáfora da abdução, na qual seres extraterrestres que chegam ao seu mundo, com naves (navios negreiros) e lhe retiram – de forma que não há espaço para despedidas - do seu planeta, levando-o para um lugar totalmente desconhecido; Sobre a metáfora dos robôs Clark (2013) relembra o pensamento da crítica cultural Tricia Rose, que diz que “[...] Adotar ‘o robô’ refletia uma resposta para uma condição existente: em específico, eles compreenderam que eram força de trabalho para o capitalismo, que tinham muito pouco valor como pessoas nesta sociedade”. (CLARK, 2013, p.65)

A grande parte dos teóricos afrofuturistas, em seus ensaios, ao tratar da ficção-científica em relação ao corpo negro, colocam esta proximidade narrativa:

O Afrofuturismo usa a extraterrestrialidade como uma alegoria hiperbólica para explorar os termos históricos, as implicações cotidianas do deslocamento imposto à força e a constituição de subjetividades do *Atlântico Negro*: de escravos a pretos, a pessoas de cor, a *évolués*, a negros, a africanos, a afro-americanos. (ESHUN, 2013, p.57).

As histórias de ficção-científica trazem experiências de indivíduos que precisam encontrar formas de sobreviver em contextos de exclusão e alienação, o que seria muito próximo das experiências vividas pela diáspora africana pós-escravidão.

Ao longo dos anos, críticos, incluindo Dery, comentaram a escassez de ficção científica negra – algo surpreendente, dados os subtextos comuns ao gênero de luta social, alienação e deslocamentos forçados (especialmente a escravidão, que muitos críticos comparam a uma experiência sci-fi). (CLARK, 2013, p.65)

Além da invisibilidade dada às pessoas negras nas obras de ficção-científica, outro ponto questionado por pensadores do Afrofuturismo é a extrema visibilidade oferecida a um gênero com cerne especulador aos personagens que carregam os mesmos padrões dos proponentes da escravidão europeia, sempre brancos, homens, heterossexuais. Aos olhos atentos a ficção científica seria “[...] mais do que previsões ou premonições do futuro, as narrativas de ficção científica são formas especulativas de pensar o presente.” (FREITAS, 2015, p.05).

Sobre isso, Eshun (2013) contribui abordando a ficção científica como um instrumento usado para manutenção de poder. Ele relembra a expressão dada - para se referir a isso - pelo crítico cultural, Mark Fisher (2000), como “Capital SF (*sci-fi*)”. Isto, seria o uso das várias

formas midiáticas para a manipulação de um futuro onde o capital fosse prioridade. Isso posto, narrativas que investissem na figura de pessoas negras, que interferissem na lógica do capital, estariam fadadas ao descrédito deste “Capital SF”. É preciso colocar “[...] que a ficção científica nunca esteve preocupada com o futuro, mas sim em articular trocas entre seu futuro preferido e seu devir presente.” (ESHUN, 2013, p.48). E ainda convém assinalar que estas narrativas de “previsão futurísticas” podem ser percebidas como forma de controle do presente e conseqüentemente do por vir; fortalecer futuros seguros para a indústria. Nas palavras de Eshun, “No interior de uma economia que se baseia em capital SF e futurismo de mercado, a África é sempre a zona da distopia absoluta.” (2013, p.49).

Além das motivações aqui colocadas - no que se refere às metáforas de ficção científica que podem ser utilizadas para ilustrar o processo de escravidão negra - o gênero *sci-fi* tem ainda outros motivos para ser a abordagem mais utilizada pelo Afrofuturismo. A ficção científica, gênero multifacetado, passeia entre as várias formas de pulverização de informação e narrativas, indo da literatura ao cinema, dos quadrinhos à música. O gênero possibilita reflexões acerca de questões políticas contemporâneas e futuroológicas, tornando-se, assim, o ambiente perfeito para os objetivos afrofuturistas. A ficção científica traz a possibilidade de distorcer questões atuais, “[...] ficção científica [pode ser considerada] como um modo de percepção da realidade.” (CALENTI, 2015, p.10).

Aí está a incrível potencialidade da ficção científica, em geral, e sua verve afrofuturista, em particular: pegar os problemas do presente e delirá-los, explorar suas potencialidades ao máximo, enchê-los de intensidade para podermos fazer, nesse grande panorama, buracos, traçar linhas de fugas. (CALENTI, 2015, p.24)

Sobre um dos problemas enfrentados por pessoas negras que desejavam produzir obras (artísticas ou intelectuais) ambientadas em universos futuristas ou de ficção científica, Womack (2013) relembra um episódio que presenciara que ilustra bem esses embargos à criatividade negra.

Lembro-me de uma jovem afro-americana de vinte e poucos anos que assistiu às minhas aulas de roteiro uma vez. Ela se sentia imensamente frustrada porque queria escrever uma ficção histórica com personagens negros, mas se sentia tolhida pela realidade do racismo no passado. Não podia haver herói caubói, romance vitoriano, épico do sul anterior à guerra civil ou qualquer outra história sem a sombra da escravidão ou do colonialismo a amaldiçoar o destino de seus personagens. Ela não podia ter uma só ideia para uma história que tivesse final feliz, pelo menos não que tivesse se passado nos últimos 500 anos até, digamos, 1960. Quanto a escrever ficção científica ou a criar um mundo no futuro ou a construir uma fantasia completa, ela não sabia como integrar a cultura negra à história. Os parâmetros de raça haviam aprisionado sua imaginação. (WOMACK, 2013, p.35).

---

### “Afronautas: um nerd negro na espaçonave”

Se utilizando ou não de toda a roupagem, que estrutura o estereótipo do nerd - óculos avantajados, ações atrapalhadas e a apreciação por física quântica -, o nerd negro é uma realidade que transita no e pelo universo afrofuturista. Isto porque, negros nerds são um dos principais entusiastas do Afrofuturismo, já que se trata de movimento que se expressa em várias roupagens tipicamente apreciadas pelos ditos “nerds” como, por exemplo, quadrinhos, cinema e literatura. Conforme Womack, “A maioria deles [nerds negros] nasceu em famílias que encorajaram uma forte identidade cultural e uma curiosidade natural que os fizeram se sentir à vontade por estarem fora do centro.” (2013, p.32).

“Ser nerd” e “ser negro” outrora poderiam soar como duas expressões sem proximidade alguma, visto que as condições sociais do povo negro não foram/não são favoráveis para que haja qualquer proximidade aos objetos de fomento ao “nerd”, como a educação e o conhecimento. Ainda sim, houve, em algum momento, identificação entre as experiências de “ser nerd” e de “ser negro”; talvez a proximidade se dê na dificuldade social de se relacionar com todas as pessoas (pelo racismo) ou na pseudo-excentricidade – por décadas motivo de diversão da sociedade branca escravagista. Sobre o “ser nerd”, Womack (2013) coloca que:

Hoje, esses nerds, outrora dentro ou quase dentro do armário, assumiram esta palavra um dia temida como uma medalha de honra, a recompensa final por sua persistência, inteligência e esperteza, e pelo inferno completo que frequentemente enfrentaram quando compartilhavam seus interesses nerds com colegas desinteressados. (WOMACK, 2013, p.32).

Além de todo os problemas relacionados a questão de “ser nerd” e “ser negro”, o nerd negro não era visto com bons olhos perante a totalidade da comunidade negra, pois feria as noções de identidade tão protegidas pelos primeiros movimentos contra-memória. A identidade nerd não estaria ao alcance do jovem negro e nem poderia ser ambicionado por eles.

Esse jogo livre com a imaginação, um jogo que não está limitado ao Halloween ou ao cinema, é uma ruptura com a identidade, ruptura esta que espelha o comportamento montado, associado a **George Clinton, Grace Jones** e outros excêntricos, agora chamados de afrofuturistas. Enquanto é tudo uma encenação, há um poder liberado ao romper parâmetros rígidos de identidade e adotar a personalidade de um de seus heróis favoritos. (WOMACK, 2013, p.33).

O progresso como antagonico à pessoa negra refletia em questionamento como a relação do nerd com o negro. Acerca disso, Womack diz que:

O que conferências nerds negras, confissões nerds, princesas guerreiras espaciais e fãs negros empolgados vestidos como Lanterna Verde e Blade têm a ver com o

progresso? Tudo. O Afrofuturismo solta as amarras da mente. Essa liberação para estimular o pensamento crítico é a razão pela qual museus, incluindo o Tubman African-American Museum, em Macon, na Geórgia, a Sargent Johnson Gallery, em Oakland, na Califórnia, e o Museum of Contemporary Diasporan Arts, no Brooklyn, promoveram exposições sobre o Afrofuturismo, todas com a esperança de envolver crianças e outras comunidades pouco habituadas às artes. (WOMACK, 2013, p.35).

Por isso, o Afrofuturismo é um movimento tão apreciado por nerds negros. A grande maioria dos teóricos afrofuturistas são “nerds negros”, entusiastas da cultura geek/pop que sentiram com o alvorecer afrofuturista que o movimento poderia dar sentido as preferências que tinham.

Subitamente, o mundo dos viciados em ficção científica e fãs de histórias em quadrinhos negros que se sentiam isolados em seus interesses e ignorados pelos criadores mais populares de ficção científica tinha uma casa virtual, uma estética na qual se basear e um passado academicamente reconhecido. (WOMACK, 2013, p.39).

É preciso colocar que o Afrofuturismo tem fomentado a criação de outros movimentos, como o Chicanofuturismo, por exemplo. O Chicanofuturismo é um movimento defendido por norte-americanos de origem mexicana, que tem seu cerne muito parecido com as causas afrofuturistas. Sobre isso se trata as pesquisas de Catherine Sue Ramírez, professora associada e diretora do Centro de Pesquisa Latino-Chicano, ela diz que:

The concept of Chicanafuturism, which I introduced in Aztlán in 2004, borrows from theories of Afrofuturism (see Ramírez, 2004). Chicanafuturism explores the ways that new and everyday technologies, including their detritus, transform Mexican American life and culture. It questions the promises of science, technology, and humanism for Chicanas, Chicanos, and other people of color. And like Afrofuturism, which reflects diasporic experience, Chicanafuturism articulates colonial and postcolonial histories of indigenismo, mestizaje, hegemony, and survival. (RAMÍREZ, 2008, p. 03) [“O conceito de Chicanafuturismo, que eu introduzi em Aztlán em 2004, emprega as teorias do Afrofuturismo (ver Ramírez, 2004). Chicanafuturismo explora as formas como as tecnologias novas e cotidianas, incluindo seus detritos, transformam a vida e cultura mexicano-americanas. Questiona as promessas de ciência, tecnologia e humanismo para chicanas, chicanos, e outras pessoas de cor. E, como o Afrofuturismo, que reflete a diáspora experiênciada, Chicanafuturismo articula histórias coloniais e pós-coloniais de indigenismo, mestiçagem, hegemonia e sobrevivência”. (RAMÍREZ, 2008, p. 03, tradução livre)]

Assim, o Afrofuturismo, através das suas várias formas de representação e seu método de relacionar o negro com as narrativas de ficção científica, se desenvolve como uma forma de “[a]nalisar futuros populares negros, desse modo, é situá-los como consequências de movimentos sociais e de liberação, ou até mesmo partes diretas desses movimentos.” (ESHUN, 2013, p.54). Isto posto, esses Afrofuturismos confrontam a lógica do porvir imperialista que marginaliza sujeitos negros de suas previsões. Ainda assim, o Afrofuturismo



vai além de inserir pessoas negras nas aspirações futuras da humanidade. Ele também se move para interferir na realidade negra presente e nas narrativas passadas.

Apesar de muitas vezes o Afrofuturismo ainda ser compreendido como um movimento que nega uma tradição negra de contra-memória, por utilizar elementos ocidentais, muitos teóricos afrofuturistas compreendem o movimento como resultado da apropriação da inevitabilidade da “dupla consciência” - abordada outrora por W.E.B. Du Bois - no fomento da identidade negra, se utilizando de narrativas *sci-fi*. O Afrofuturismo não é somente um movimento contra-memória, mas um movimento contra-futuros. Sobre isso, Eshun (2013), coloca que:

No começo do século, Dubois denominou a condição de alienação estrutural e psicológica como ‘dupla consciência’. A condição da alienação, entendida em seu sentido mais geral, é uma inevitabilidade psicossocial que toda a arte afrodiáspórica usa em sua própria vantagem, por meio da criação de contextos que encorajam um processo de desalienação. (ESHUN, 2013, p.56).

As narrativas de ficção científica por muito tempo foram pensadas como até possíveis, mas improváveis no tempo presente. No entanto, o Afrofuturismo permite que se perceba as narrativas *sci-fi* de outra forma, como narrativas baseadas em fatos; fatos estes que já ocorreram tempos atrás e se expressam na contemporaneidade. As naves (os navios negreiros) pousaram em nossa terra há muito tempo, levando toda as nossas riquezas e abduzindo nossos familiares, de modo que não pudéssemos dizer “até logo”; com lavagens cerebrais retiraram nossa memórias mais profundas, nosso novo lar nem era nosso, não poderíamos falar com ninguém, eram estranhos, línguas estranhas e comportamentos estranhos. “A especificidade do Afrofuturismo está em construir abordagens conceituais a práticas de contra-memória para, deste modo, acessar memórias triplas, quádruplas, alienações anteriormente inacessíveis.” (ESHUN, 2013, p.56). Ratificando:

Os encontros com alienígenas e as abduções interplanetárias que as pessoas experimentaram como ilusões durante a Guerra Fria já aconteceram no passado, de verdade. Todos os sintomas específicos de um encontro imediato já aconteceram em uma escala gigantesca no passado. (ESHUN, 2013, p.58).

Artistas e teóricos afrofuturistas estão pensando em um futuro, através de filmes, quadrinhos, música, literatura e artigos, como um método de reevitação da memória do povo negro, contestando a marginalização presente e nas aspirações imperialistas do futuro. Deste modo, conforme Eshun,

o Afrofuturismo pode ser caracterizado como um programa para a recuperação das histórias de contra-futuros criadas em um século hostil à projeção afrodiáspórica e também como um espaço no qual o trabalho crítico de produzir ferramentas capazes de intervir no atual regime político pode ser levado a cabo. (2013, p.59).

---

## Conclusão

Após o termo “Afrofuturismo” ser empregado por Mark Dery, o movimento passou a chamar muita atenção. Atualmente podemos perceber tendências afrofuturistas em diferentes manifestações culturais: nas músicas, nas roupas, nos cabelos, nos quadrinhos e no cinema. Isto fez reverberar um sentimento de curiosidade diante desse movimento estético e do conjunto de manifestações que se autointitulam afrofuturistas. Ainda hoje com tanto uso do Afrofuturismo, mesmo inconscientemente, ainda se levanta a dúvida sobre o que é o Afrofuturismo. Segundo Steinskog (2018), “o Afrofuturismo é mais antigo que o próprio termo”.

Contudo a importância de delinear o que é o Afrofuturismo passa pela preocupação de estudiosos e críticos de não permitirem que o termo seja vulgarizado. Nem todo lugar onde estão negros e espaçonaves juntos significa que temos ali um exímio exemplo de Afrofuturismo. Sobre a vulgarização do termo, Steinskog assinalou que

A questão de como entender o Afrofuturismo é importante aqui no início, e eu defendo explorar quais outros termos existem em sua vizinhança, termos que podem ajudar a distinguir entre o Afrofuturismo e os movimentos ou conceitos relacionados. (Steinskog, 2018. p.02)<sup>13</sup>.

Assim, de acordo Fábio Kabral (2017), o Afrofuturismo é um movimento não apenas com personagens negros e negras ou protagonismo negro, mas também de autores e de autoras negras. É um movimento cultural concebido por pessoas negras tanto na esfera ficcional quanto na esfera real. Sem compreender isso, a meu ver, não tem como seguir adiante. Nas palavras de Kabral,

O Afrofuturismo surge como uma nova possibilidade de narrativa para as pessoas negras, já que o (euro)futurismo não nos contempla. Os paradigmas ocidentais de ficção científica não foram concebidos para comportar nem pessoas de rosto africano e tampouco seu imaginário ancestral; ao contrário, tais paradigmas ocidentais tem por objetivo seguir com o embranquecimento espiritual e psicológico dos descendentes africanos. (KABRAL, 2017)

Segundo Kabral (2017), o Afrofuturismo tem como um dos seus objetivos principais colocar em evidência as tradições e ciências africanas. Este movimento surge como uma oportunidade de tratamento para o trauma histórico configurado pela escravidão e pelo racismo. É um ensejo de projetarmos, pelo caminho da ficção, a correlação com a

---

<sup>13</sup> No original: “The question of how to understand Afrofuturism is important here at the outset, and I advocate exploring which other terms exist in its vicinity, terms that may help to distinguish between Afrofuturism and related movements or concepts”.

---

ancestralidade africana, reapropriando e ressignificando as alegorias da ficção e refazendo-as conforme sua singularidade africana.

Segundo Myungsung Kim (2017), o Afrofuturismo é percebido como um gênero que abusa da formação da identidade afro-americana dando espaço a presença da cultura negra em uma conjuntura tecnocientífica contemporânea e às formas de resistências contra o racismo. “Esses dispositivos temáticos, que exploram a humanidade fora de seus limites fenotípicos, fornecem aos escritores afro-americanos ferramentas para desmistificar visões deterministas da raça”<sup>14</sup> (KIM,2017, p.05)

O Afrofuturismo atua lado a lado com a afrocentricidade, fazendo com que percebamos uma África pioneira da escrita, da ciência, da filosofia e das artes. O Afrofuturismo não se trata de um mero gênero cultural para Kabral (2017), mas é um movimento de resistência estético cultural. O movimento se trata de uma mistura de um modelo já estabelecido, de um (euro)futurismo com as várias alegorias de raízes africanas e diaspóricas.

O Afrofuturismo chega como uma possibilidade de narrar histórias que vão além da vitimização do ser africano e diaspórico porque nos oferece múltiplas possibilidades de compreender um meio social. O Afrofuturismo traz a possibilidade do ser africano de se enxergar no futuro, experiência que foi negada por várias obras de ficção científica. Deste modo, o movimento supriria uma lacuna:

O rol de Afrofuturismo surgiu em um momento em que era difícil encontrar discussões sobre tecnologia e comunidades da diáspora africana que fossem além da noção da divisão digital. Desde o início, ficou claro que havia muito território teórico a ser explorado (NELSON, 2002, p. 9)<sup>15</sup>

O movimento estabelece uma crítica às questões diárias do povo negro, como, por exemplo, a falta de liberdade, a violência policial, o machismo, a solidão da mulher negra, a falta de inclusão e as oportunidades. Deste modo, contribui para um resgate histórico das raízes africanas e uma construção de um possível futuro para que possamos nos perceber além do presente cultivando nossa ancestralidade.

---

<sup>14</sup> No original, “These thematic devices, which explore humanity outside its phenotypic boundaries, provide African American writers with tools to demystify deterministic views of race.”

<sup>15</sup> “The AfroFuturism list emerged at a time when it was difficult to find discussions of technology and African diasporic communities that went beyond the notion of the digital divide. From the beginning, it was clear that there was much theoretical territory to be explored.”

---

## Referências bibliográficas:

CALENTI, Carlos. *Octavia Butler, Afrofuturismo e a necessidade de criar novos mundos*. 2015. In.: FREITAS, Kênia (Org.). **Afrofuturismo: Cinema e Música em uma Diáspora Intergaláctica**. Tradução de André Duchiade. São Paulo, 2015. Disponível em: < <http://www.mostraAfrofuturismo.com.br/catalogo.html> >. Acesso em: Dez. de 2017.

CLARK, Ashley. *Por dentro do Afrofuturismo: um guia sônico*. 2013. In.: FREITAS, Kênia (Org.). **Afrofuturismo: Cinema e Música em uma Diáspora Intergaláctica**. Tradução de André Duchiade. São Paulo, 2015. Disponível em: < <http://www.mostraAfrofuturismo.com.br/catalogo.html> >. Acesso em: Dez. de 2017.

DERY, Mark. *Black to the Future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose*. 1995. Disponível em < <https://www.uvic.ca/victoria-colloquium/assets/docs/Black%20to%20the%20Future.pdf>>. Acesso em 11 de novembro de 2018.

ESHUN, Kodwo. *Mais considerações sobre o Afrofuturismo*. 2013. In.: FREITAS, Kênia (Org.). **Afrofuturismo: Cinema e Música em uma Diáspora Intergaláctica**. Tradução de André Duchiade. São Paulo, 2015. Disponível em: < <http://www.mostraAfrofuturismo.com.br/catalogo.html> >. Acesso em: Dez. de 2017.

FREITAS, Kênia (Org.). **Afrofuturismo: Cinema e Música em uma Diáspora Intergaláctica**. Tradução de André Duchiade. São Paulo, 2015. Disponível em: < <http://www.mostraAfrofuturismo.com.br/catalogo.html> >. Acesso em: Dez. de 2017.

HUPE, Ana Luiza Ferreira. **Ações artísticas contra formas de sujeição: deslocamentos entre imagem, escrita e performance**. Tese. 2016. Disponível em: < [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=4397043](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4397043) >. Acesso em: Fev. 2018

**MBIKAYI, Maurício**. *Fashionable Addiction: The Impact of Digital Identity through the Cult of the Body (an African Perspective, with particular reference to the Democratic Republic of Congo)*. Dissertação. 2015. Disponível em: < [https://open.uct.ac.za/bitstream/handle/11427/13772/thesis\\_hum\\_2015\\_mbikayi\\_lmh.pdf?sequence=1](https://open.uct.ac.za/bitstream/handle/11427/13772/thesis_hum_2015_mbikayi_lmh.pdf?sequence=1) >. Acesso em: FEV. de 2018

RAMÍREZ, Catherine S. “*Deus ex Machina: Tradition, Technology, and the Chicanafuturist Art of Marion C. Martinez*.” 2004. *Aztlán: A Journal of Chicano Studies* 29, no. 2: 55–92.

RAMÍREZ, Catherine S. *Afrofuturism/Chicanafuturism: Fictive Kin*. 2008. Disponível em: < <https://americanfuturesiup.files.wordpress.com/2013/01/ramirez-afrofuturism-chicanafuturism.pdf> >. Acesso em: Fev. 2018



---

WOMACK, Ytasha. *Cadete espacial*. 2013. In.: FREITAS, Kênia (Org.). **Afrofuturismo: Cinema e Música em uma Diáspora Intergaláctica**. Tradução de André Duchiade. São Paulo, 2015. Disponível em: < <http://www.mostraAfrofuturismo.com.br/catalogo.html> >. Acesso em: Dez. de 2017.

YASZEK, Lisa. 2006. *Afrofuturism, Science Fiction, and the History of the Future*. 2006. Disponível em: < <https://pdfs.semanticscholar.org/718e/2f7b16ff918bdc02e2cedb9a45b4e3ba7faa.pdf> >. Acesso em: Dez. de 2017.

YASZEK, Lisa. *Race in Science Fiction: The Case of Afrofuturism*. 2013. Disponível em: < <http://virtual-sf.com/wp-content/uploads/2013/08/Yaszek.pdf> >. Acesso em: Dez. de 2017.